

FLAGRANTES E FACETAS: FOTOGRAFIAS DE SUBVERSIVOS E HERÓIS

Janyse Régia Batista Santos*

Nestor Veloso Vélez**

Ms. José Luciano de Queiroz Aires***

Este artigo propõe analisar as imagens da campanha publicitária do Governo Federal atual em parceria com o Tribunal Superior Eleitoral veiculada em 2008, com o objetivo de instituir a cidadania eleitoral centralizando a coragem e vitória de líderes políticos no Regime Militar

A pesquisa foi elaborada em uma oficina de aula do componente curricular Prática Pedagógica III, com a exibição do vídeo da propaganda, que se apropriou das fotografias, para introjetar a noção de cidadania através do ato de votar

Utilizadas como fontes históricas, as fotografias que analisamos em nossa pesquisa revelam marcas, vestígios da Ditadura Militar brasileira, temática tão debatida na atualidade que tem atraído a atenção de diversos estudiosos da História e Ciências Sociais, merecendo destaque, ainda, nas instituições midiáticas.

As fotografias como registro histórico, numa perspectiva documental, são matéria-prima para o historiador constituindo-se em novos textos possíveis e passíveis de leitura, de interpretação, pois, possibilitam o desvendar de eventos históricos. Desta forma buscamos estabelecer um diálogo com o material investigado, perguntando, questionando.

Procurando fugir à sedução que as imagens causam e entendendo a fotografia como: “Materialização da experiência vivida, doce lembrança do passado, memórias de uma vida, flagrantes sensacionais, ou ainda mensagens codificadas em signos. Tudo isso ou nada disso, a fotografia pode ser”. (MAUAD/ FLAMARION, 1997:401)

* Graduada em História. Universidade Estadual da Paraíba;

** Graduando em História. Universidade Estadual da Paraíba;

*** Ms. Professor Orientador. Universidade Estadual da Paraíba.

Percebendo como o uso das imagens fotográficas, no século XXI, tem sido cada vez mais utilizado pelos mais variados meios de comunicação e difusão social, compreendendo as imagens e o que elas representam, suas influências na nossa maneira de ver, sentir e interagir com a realidade no mundo pós-moderno, cibernetizado, midiaticizado, tecnológico, onde se percebe uma banalização das imagens.¹

Realizados os procedimentos necessários, nossa preocupação foi a de perceber como e em que contexto político deram-se as apropriações do material fotográfico por nós observado.

A mídia vem nos bombardeando com a veiculação da propaganda do Tribunal Superior Eleitoral juntamente com o Governo Federal atual, sobre o dever do cidadão em votar, construindo uma imagem de ser cidadão a partir da campanha exibida, com um vídeo que apresenta imagens de personalidades, durante o Regime Militar, que eram consideradas subversivas, como por exemplo: Vladimir Herzog, Lula, e Betinho, afirmando que *"heróis existem e são de carne e osso"*. Numa apropriação destas imagens, o Governo Atual em conjunto com o Tribunal Superior Eleitoral tenta "conscientizar" o povo a partir de um jogo de poder para conquistar as massas. Este jogo pode ser definido como: "A capacidade de transformar as vontades dos outros na sua vontade (...) O jogo de poder apresenta-se, assim, como um jogo de vontades no qual a vontade de um mais forte, por alguma razão acaba se impondo sobre o outro ou outros." (GALLO, 1997:27)

O Governo assim dessa maneira investe sobre os "marginalizados políticos",² Eles, em muitos casos, se isentam da escolha do seu candidato, votando em branco ou nulo. E, com isto, essa propaganda introjeta a noção de ser cidadão, que se expressa pelo simples ato de votar. A noção de ser cidadão é muito mais ampla do que é exposta nesta campanha:

O cidadão não espera que o outro lhe dê as condições necessárias para participar, pois, essas condições brotam de si mesmo. É autodeterminação. O cidadão sabe que é preciso conquistar. É uma ação que se acaba o cidadão é sobretudo o participante. (GALLO, 1997:32)

¹ O ambiente pós-moderno saturou-se por meios tecnológicos e de comunicação, fabricando um hiper-real, espetacular, mais interessante do que a própria realidade. (Ver, Dos Santos, 1991)

² São aqueles que estão à parte de todo o processo eleitoral. (Ver sobre isso GALLO, 1997)

Em um dos vídeos apresentados, a narradora afirma que: se você não se interessa em votar ou não quer votar: "vote pelo menos por eles". Apropriando-se destas imagens criaram uma imagem de heróis, construindo assim, uma nova representação sobre esses homens; como define Pesavento: “(...) representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um representar de novo, que dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.” (2003:40)

Essas imagens vêm sendo deslocadas e substituídas por valores que até então não possuíam ou existiam, a imagem de heróis nos "cidadãos", fazendo o governo se reafirmar como representante maior da autoridade, da ordem, e do reconhecimento destes personagens como homens importantes na (re)construção da cidadania brasileira, criando assim, o conceito de verdade nas representações da montagem do vídeo exibido. Mas, representação não é e não será a imagem do real, do verdadeiro, do autêntico e daquilo que foi de fato ocorrido. Como afirma a autora citada acima:

A representação é um conceito ambíguo, pois, na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é de ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. (PESAVENTO, 2003:40)

O governo atual com esta propaganda apresenta o presidente Luis Inácio Lula da Silva que foi um participante e líder do movimento operariado no ABC Paulista, região onde se encontram as indústrias metalúrgicas. Nesse período surgiu uma nova força de oposição ao regime concentrada no movimento sindical, articulador de ações grevistas que se iniciam em 1978.

Tenta afirmar uma posição, ou melhor, um lugar de bravura, de luta e conquista; conquista esta da cidadania. Mas qual cidadania é essa? Porque esta propaganda transmite que o maior ato de cidadania é o direito de votar, mas, estes homens exibidos no vídeo estavam realmente lutando somente pelo direito de votar?

Uma das personalidades escolhidas dentre as imagens apresentadas foi o sociólogo Herbert José de Souza, o Betinho. Este nasceu em 3 de novembro de 1935, em Minas Gerais, assumiu integralmente as mais radicais utopias de transformação social, fazendo da

sua própria vida uma bandeira em favor dos oprimidos, trabalhou no sentido de congregação, da união. Com o golpe de 64, passou a atuar na resistência contra a ditadura militar, dirigindo organizações de cunho democrático no combate ao regime que se instalava. No começo da década de 70 foi exilado.

Com o crescimento dos movimentos pela democratização dos meios de comunicação no Brasil, tornou-se um dos símbolos da campanha pela anistia. Em 1979, retornou ao país e envolveu-se nas lutas sociais e políticas, propondo ampliar a democracia e a justiça social. No início dos anos 80, ajudou a fundar o ISER - Instituto de Estudos da Religião -, presidiu a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - ABIA, fundada, em 1986 uma das primeiras instituições do País, na luta pelo direito à vida aos portadores do HIV/AIDS. Seu interesse nesse sentido não foi apenas pessoal, mas contextualizou-se em um nível mais elevado, o da defesa da dignidade humana.

Vladimir Herzog, uma das figuras que aparece no vídeo, ao som da voz do narrador que diz: *“heróis existem, e são de carne osso”*; foi assassinado em 1975. O Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna: DOI-CODI, divulgou que ele se suicidou em uma das salas do departamento após prestar esclarecimento do seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro; sua morte causou grande repercussão mundial, obrigando Geisel a recuar no sentido da opressão e avançar no sentido da abertura política. Em 1978, uma investigação policial confirma que ele foi torturado e em seguida assassinado.

Vladimir era diretor do departamento de telejornalismo da TV Cultura, e nesta função começou a colocar em prática o seu conceito de responsabilidade social. Defendia que a TV Cultura tivesse um jornalismo profissional que não fosse “servil” ao Estado e sim mais educativo ou cultural, fosse público. Para ele o jornalismo não deveria ser um monólogo, mas um diálogo com a sociedade, que superasse todo tipo de paternalismo e incorporasse os problemas, esperanças, tristezas e angústias das pessoas. Idéias estas que iam de encontro ao governo da época que queria utilizar a mídia para atender aos seus interesses e para tentar manipular as massas e mantê-las alienadas ao Regime Militar.

Voltando ao contexto atual, essas representações introjetam um simbolismo, uma idéia, uma convicção, do real tal qual ocorreu, porém estas imagens representam, um momento, não aquele mostrado nos vídeos, isto é, o período do Regime Militar, são

símbolos da conjuntura que tratamos, foram apropriadas para situar um lugar de destaque das personalidades homenageadas.

(...) As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há no caso do fazer por imagem simbólica do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto. (PESAVENTO, 2003: 41).

Analisando estas fotografias observamos que elas se compõem no discurso do governo atual, representando uma força - a força da representação como veículo de massificação das camadas sociais.

Hoje, na mídia, temos uma grande campanha em busca pela cidadania, pois em nosso país, na visão do Estado, ser cidadão se configura no ato de votar; nesta campanha o objetivo é atingir todas as camadas sociais, para que elas exerçam a cidadania. Mas como sabemos, este tema é bastante complexo e merece ser melhor debatido, pois não é o simples fato de votar que lhe confere a cidadania.

E para que alcance a todos, a campanha ganha um aparato importante, pois utiliza-se vozes apelativas de crianças, idosos, jovens, homens e mulheres induzindo-nos a não desperdiçarmos a nossa cidadania, conquistada a duras penas, criando assim, um sentimento de cidadania a partir de uma “sensibilização” e comoção social.

A idéia de trabalhar esse tema surgiu a partir da veiculação da campanha publicitária, despertando nosso interesse de analisar as imagens exibidas. Gravamos os vídeos, aplicamos os procedimentos: crítica externa e interna, indagamos sobre os silêncios, lacunas, ausências, exploramos as imagens, contextualizamos, biografamos as personalidades escolhidas e elaboramos o plano de aula.

Consideramos importante a análise das imagens e problematização do tema, como proposta pedagógica direcionada para alunos da 8ª série do ensino fundamental, de acordo com a periodização linear ou como propõe os PCNs, se estuda a Cidadania, a República e ainda que está em curso um ano eleitoral e na faixa etária em que se encontram a maioria, votará pela primeira vez.

Na elaboração da oficina, objetivamos permitir, aos alunos, trabalhar com documentos imagéticos e compreender o processo histórico que envolve em diferentes temporalidades as formas de organizações políticas e o processo eleitoral atual, bem como os diferentes discursos presentes nas fotografias utilizadas. Direcionamos as nossas práticas em sala de aula a facilitarem o aprendizado e incentivarem o desejo de investigação no aluno, procurando fazer com se possa dessa maneira perceber uma visão histórica da atualidade.

Na prática em sala de aula, exibimos o material fotográfico com o recurso de um Data-show, equipamento de áudio, em seguida levantamos o conhecimento prévio dos alunos. Conduzimos a aula de forma expositiva dialogada, analisando a participação de Herzog, Lula e Betinho na Ditadura Militar Brasileira, discutindo a apropriação da imagem desses líderes e a intencionalidade em “conscientizar” os eleitores ao exercício da cidadania e responsabilidade cívica, por parte do Governo atual e do TSE e refletindo sobre o deslocamento operado por parte do Estado em torno das três figuras. Deslocamento esse, que re-significa a imagem, dos “subversivos” que passaram a heróis nacionais.

Tratamos de trabalhar com poucas fotografias, representativas de “imagens fortes”, impactantes, motivadoras, que traziam informações sobre o tema e que geraram questionamentos, indagações e reflexões.

Chamando a atenção dos alunos para o que registravam as fotografias, seus elementos: as pessoas, seus rostos, suas expressões, vestuários. Procuramos desconstruir as imagens fotográficas, atentando para seu caráter sedutor, indicando que na aparente neutralidade das fotos existe intencionalidades, as escolhas dos espaços e das pessoas, da luminosidade, o destaque de determinados ângulos presentes no material fotográfico, a forma seqüencial com que foram projetadas e o provável motivo de suas escolhas, com vistas a impressionar, sensibilizar o telespectador.

Portanto, nossa experiência foi pautada no uso de novas linguagens, no ensino de História, fomentando, instigando os alunos à pesquisa, análise, procurando desenvolver uma crítica do atual contexto político, diante de crises paradigmáticas. Em um país onde a corrupção é presentemente forte, o Estado busca trazer uma idéia de cidadania constituída na visão de homens que marcaram época, como agentes transformadores da sociedade.

Agentes concebidos pelo governo atual como “heróis de carne e osso”, que não tem superpoderes, morrem, lutaram e resistiram por seus ideais.

O interesse dos historiadores pelas “imagens tecnológicas”, utilizadas como recurso pedagógico no ensino de história, tem como questão atual “associar as pesquisas e os métodos de análise dos historiadores com as necessidades específicas do ensino de História”.

Enfim, procuramos mostrar como podem ser utilizadas as práticas das novas abordagens de História no cotidiano escolar, e também ver como as apropriações midiáticas de um determinado fato histórico, foram apresentados para uma sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Silvio. Ética e cidadania: caminhos da filosofia. Papirus, Editora, Campinas, SP, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. **Aventuras e desventuras de uma república de cidadãos**. In: **Ensino de História**: Conceitos, Temáticas e Metodologias. Martha Abreu e Rachel Soihet (org.). Rio de Janeiro: Casa palavra, 2.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989. PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Rachel

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte. Autêntica 2003.

SANTOS. Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 9 ed. São Paulo Brasiliense. 1991